

Anexo 1. Mapa geológico simplificado da região do Algarve, Adaptado de Francisco Lopes (2006)

Era uma vez uma olaria

O desaparecimento da olaria romana em Martinhal levantou uma dúvida: foi destruída por uma imobiliária ou soterrada pelos arqueólogos? A população da área aposta na destruição. A imobiliária desmente os boatos. O IPAAR não sabe de nada.

Muito antes do Infante D. Henrique ter criado a sua escola náutica, Sagres foi pertença dos romanos. Martinhal, uma localidade do concelho de Vila do Bispo, situada exactamente onde «a terra acaba e o mar começa», a poucos quilómetros de Sagres, deixava ver esse passado histórico através de uma olaria romana descoberta num terreno pertencente a uma imobiliária. Depois das escavações dos arqueólogos a olaria desapareceu. Hoje, no terreno, só se avistam montes de entulho e pedras. O que sucedeu à olaria?

A olaria foi edificada, no século IV, para a produção de ânforas destinadas ao transporte de salgas. Com o passar dos séculos, escapou à memória dos homens. A erosão dos ventos encarregou-se de escondê-la no solo de rocha e areia. Entretanto, Martinhal foi conhecido por novos proprietários. A Sagrimar, uma sociedade agrícola, tornou-se dona de uma faixa de terreno de 41 hectares, com uma larga frente para a enseada da Baleeira e para uns ilhéus totalmente desertos. Nos anos 60, esta empresa adquiriu uma autorização para proceder à urbanização da zona. Sousa

Cintra, natural do sítio, também sucumbiu aos encantos naturais de Martinhal. Contam os habitantes da zona que «Sousa Cintra foi comprando vários terrenos agrícolas, alguns à custa de hipotecas, para depois urbanizar». Entretanto, a Sagrimar mudou de mãos e de ramo. Tornou-se uma empresa de empreendimentos turísticos, ligada à Frutiger Internacional, uma outra empresa suíça. Há cerca de quatro anos, na faixa pertencente à Sagrimar, umas escavações feitas por um professor inglês e por estudantes universitários, desvelaram a olaria romana. A Sagrimar teve que

ceder parte do seu terreno ao domínio público marítimo. Dois outros arqueólogos portugueses fizeram o levantamento da descoberta e concluíram que a olaria poderia ter abastecido todos os estabelecimentos de salga da nossa costa ocidental. Foi tudo comunicado ao antigo Instituto Português do Património Cultural. Mas, há cerca de dois anos, a olaria voltou a desaparecer da vista. A Sagrimar foi acusada de ter destruído tudo com as suas máquinas de demolição. Nas redondezas da área, não se fala noutra coisa. No entanto, a empresa afirma não ter culpas no cartório. «O alarme foi dado pelo jornal "Algarve News" mas não corresponde à verdade. Nunca destruímos nada. Foram os próprios arqueólogos que, não querendo deixar as escavações ao abandono, nos pediram que usassemos as nossas máquinas para as cobrirmos. Nunca tivemos qualquer intenção de aproveitamento da área que, actualmente, nem nos pertence. Na Quinta do Martinhal temos, actualmente, um loteamento com 100 parcelas. Iremos construir mui-

to em breve. Mas a área da olaria não está incluída em nenhuma delas», revela um responsável pela Sagrimar. O Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico não confirma nem desmente. No departamento de Arqueologia, em Lisboa ninguém tem conhecimento de nada. Na Direcção Regional de Faro, nem sequer há um responsável por arqueologia. Há apenas um director regional, que trabalha sozinho e desconhece os problemas que envolvem a arqueologia na região. «Apesar de já ter pedido que me enviassem um arqueólogo, continuo sem ninguém e sem saber de nada porque sou arquitecto e até ao dia 11 de Junho deste ano os serviços de arqueologia do Algarve eram da responsabilidade da Direcção Regional de Évora», afirma Raul Lima, director regional de Faro. Em Évora, não foi possível contactar alguém. É caso para se dizer que enquanto a Secretaria de Estado da Cultura não se organizar prevalece a dúvida relativa à olaria do Martinhal. ● DS

Anexo 2. Notícia sobre o sítio do Martinhal de Semanário não identificado, presente no espólio sobre o referido sítio na Direcção Regional de Cultura do Algarve.



Anexo.3. Planta da cisterna e do compartimento a Norte, segundo João Pedro Bernardes (2008b)

Lugares com cetárias na costa do actual Algarve	
Lugar	Cronologia
Beliche	Sem dados conhecidos
Ilhéu da Baleeira	Sem dados conhecidos
Salema	Sem dados conhecidos
Boca do Rio	Século I ao IV ou V
Martinhal	Aguarda Publicação
Burgau	Baixo Império (? –IV)
Senhora da Luz	Século I ao IV ou V
Lagos “Bom Vivant”	Sem dados conhecidos
Lagos (R. Silva Lopes)	2ª metade do Século I ao VI <i>grosso modo</i>
Lagos (R. 25 de Abril)	Século IV
Monte Molião (Lagos)	Séculos I - II
Meia Praia (Lagos)	Sem confirmação
Vau	Sem dados conhecidos
Portimões (Portimão)	séc. I e Baixo Império
Baralha 2	Sem dados conhecidos
Ferragudo	Possivelmente séc. I
Armação de Pêra	Sem dados conhecidos
Cerro da Vila	A partir do séc. I ou II
Quarteira	Séc. I ou posterior
Loulé Velho	A partir do séc. I
Quinta do Lago	séc. I aos inícios do séc. V
Faro (Av. Da República)	Sem dados conhecidos
Olhão	Sem dados conhecidos
Quinta do Marim (Olhão)	A partir do séc. I
Pedras d’el Rei	Sem dados conhecidos
Balsa	Séculos I -II
Torre de Aires	A partir do séc. I ao século V - VI
Quinta do Muro	Séc. I ou II
Cacela	A partir do I ou II

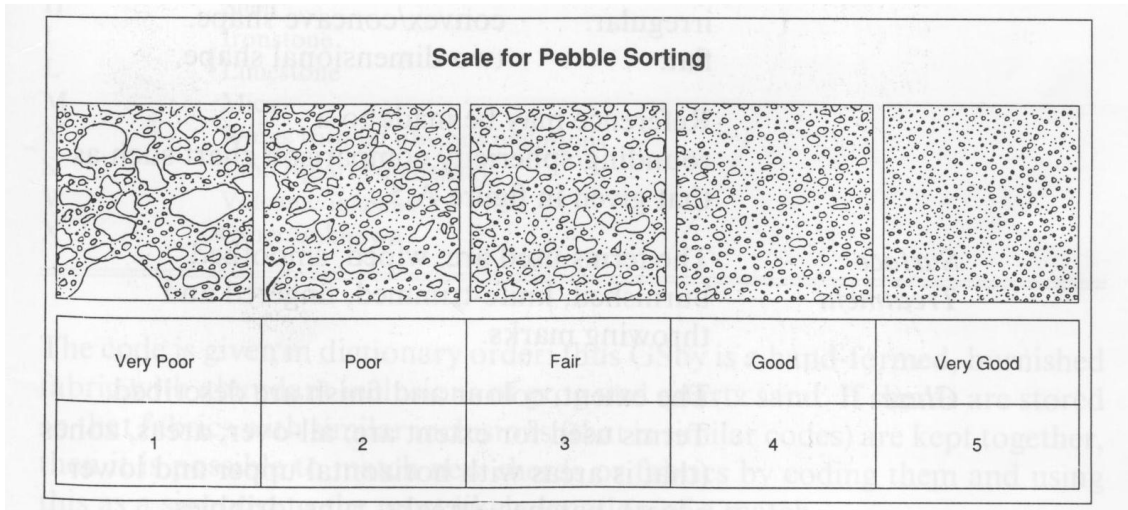
Anexo 4. Tabela com a lista de lugares com cetárias nas costas algarvias, baseado e actualizado a partir de FABIÃO, 2000 e VIEGAS, 2009.

Centros oleiros conhecidos do actual Algarve português		
Local	Produções	Cronologia
Martinhal/Murtinhal	Almagro 50; Almagro 51 ab; Almagro 51 c; Dressel 14 tardia?	IV?/V
Salgados	Almagro 51 ab; Almagro 51 c	III/IV-V
Quinta do Lago	Almagro 50; Almagro 51 c	III/V
S. João da Venda	Almagro 51 ab	IV/V
Alfanxia (?)	Almagro 51 c ?	IV/V
Torre de Aires	Almagro 51 c ?	III/V
Manta Rôta	Dressel 14 e Almagro 51 c (provavelmente)	I/V
Olhos, S. Bartolomeu de Castro Marim	Dressel 14 tardia; Almagro 50; Almagro 51 c	II-III/V

Anexo 5. Tabela com os centros produtores de ânforas do actual território algarvio, as suas produções e cronologias, baseado em FABIÃO, 2004.

Grupo Petrográfico	Sítio	Característica Petrográfica	Tipos de ânforas
SADO JUSANTE/TEJO	Pinheiro, Setúbal, Porto dos Cacos, Quinta do Rouxinol	Quartzos – Feldspatos - Micas	Dressel 14, Almagro 50 (1 exemplar), Almagro 51 c
SADO MONTANTE	Barrosinha, Bugio, Enchurrasqueira, Abul	Grãos grosseiros baços e arredondados	Dressel 14
QUINTA DA ALEGRIA	Quinta da Alegria	Desengordurante calibrado	Dressel 14, Almagro 50 (1 exemplar)
MARTINHAL	Martinhal	Nódulos de Óxidos e nódulos de Calcário	Almagro 51 c
QUINTA DO LAGO	Quinta do Lago	Nódulos de Calcário	Almagro 50 e Almagro 51 c
CASTRO MARIM	Castro Marim	Grãos de Óxidos e fragmentos de rochas graníticas e metamórficas	Dressel 14 e Almagro 51 c

Anexo 6. Tabela com resultados resumidos da análise ao microscópio polarizante de vários centros oleiros, segundo MAYET et al, 1996:163, traduzido do francês.



Anexo 7. Scale for Pebble Sorting, segundo Barraclough (1992) in Orton *et al.* (2005: 239)